

Makuxi revitaliza memória

Os mitos e as histórias têm função importantíssima para os povos indígenas. Servem para explicar a origem do mundo e dos objetos, norteiam as relações de parentesco e da sociedade e mostram a visão que um povo tem da vida.

São contados ao embalo da rede, nas madrugadas, ou a qualquer hora, ou nos dias chuvosos em que não se pode sair para o trabalho. As histórias são contadas e repetidas muitas e muitas vezes aos jovens, pelos mais velhos. Daí, num momento de perigo, de dúvida ou diante de fatos inesperados, as reações acontecem naturalmente, levando-se em conta essa cultura.

As histórias e mitos descrevem a vida dos antigos e ensinam como deve ser o relacionamento com a natureza e com os espíritos nela existentes. Descrevem também o território de cada povo e como as serras, rios, malocas e plantas receberam a denominação que têm hoje.

Quem dá um exemplo disso é o tuxaua da maloca da Raposa (Maikan), do povo Makuxi, em Roraima.

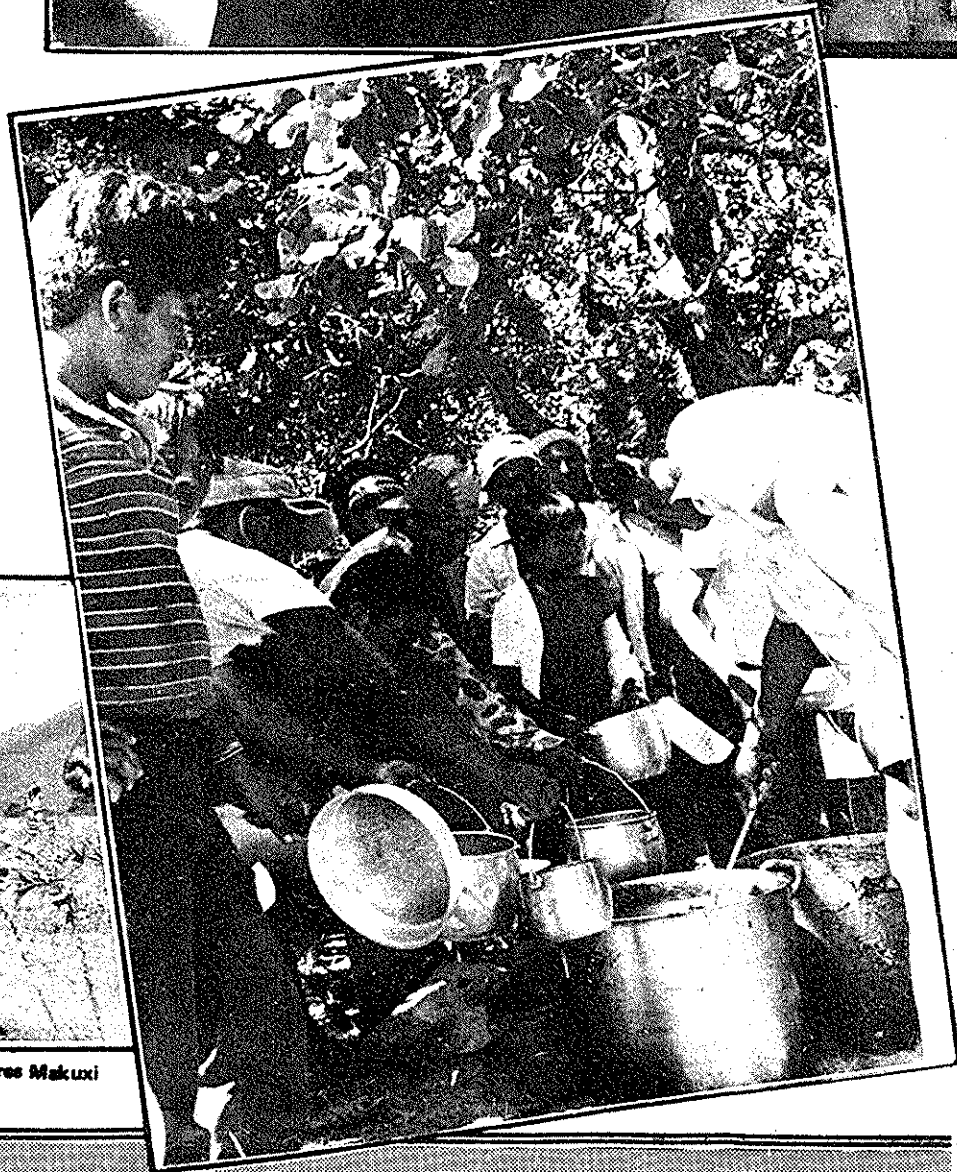
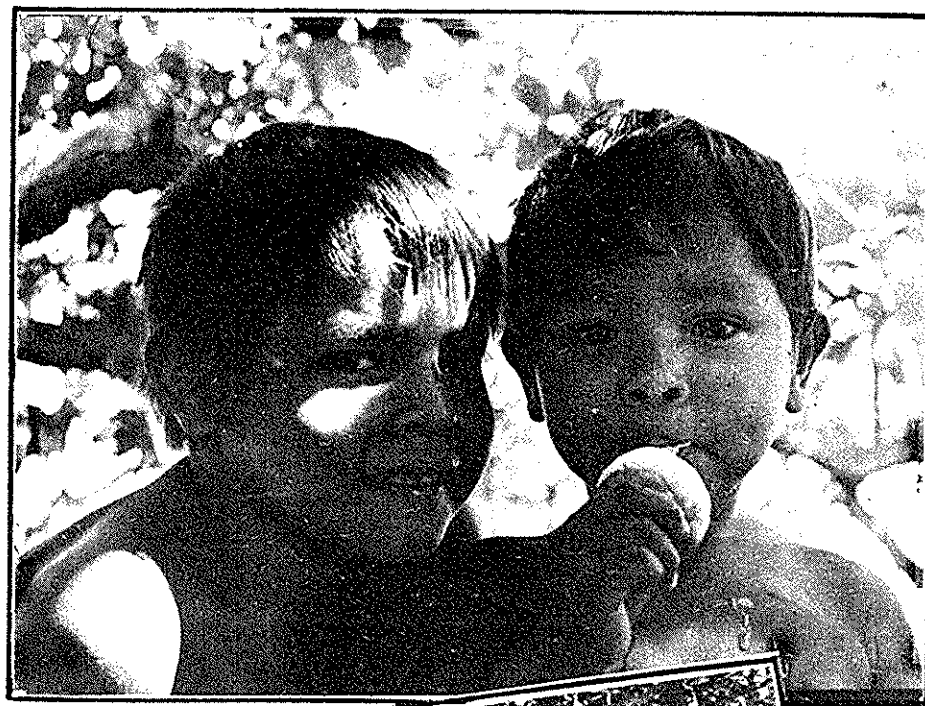
Enquanto nos leva para mostrar, orgulhoso, o trabalho comunitário na roça de mandioca e a preparação do almoço coletivo nessa maloca na região de Normandia, Caetano Raposo conta as histórias que ouviu de seu pai sobre Makunafma, o personagem nascido no norte de Roraima e que se tornou "o herói sem nenhum caráter" mais conhecido no País, nas páginas da obra-prima do escritor Mário de Andrade.

O tuxaua Makuxi aponta para a Serra do Abacaxi e começa a narrar a história da origem dela.

Diz como Makunafma (Maku = mau, ima = grande) sentou-se próximo dali onde naquele momento estavam fazendo a roça, descascou um abacaxi e comeu só um pedaço, deixando o resto. Por isso, conta ele, a serra não tem o topo e ganhou esse nome. O tuxaua, Caetano, conta rapidamente outras histórias, enquanto voltamos para onde alguns homens e mulheres preparam o almoço, embaixo de um cajueiro.

Fala de várias estripulias de Makunafma naquela região, sempre afirmando que não se lembra direito de todas as histórias que seu pai lhe contou. Mas, como os outros Makuxi, o chefe da maloca da Raposa ainda se lembra de muitas histórias, aparentemente esquecidas, que agora já começam a não ter vergonha de contar.

Leia abaixo a história do Timbó, contada pelo Makuxi José C. da Silva, da maloca do Caraparu. O timbó é uma pequena planta que, macerada dentro dos rios e lagos, libera uma substância que provoca o entorpecimento nos peixes. Após isso, eles bóiam na água, e são apanhados com a mão ou com peneiras.



Fotos: Raílda Herrera

Na roça ou no almoço comunitário e nas brincadeiras, a alegria da redescoberta dos valores Makuxi

O mito do timbó

Uma mulher tinha um filho pequeno de mais ou menos cinco anos. Cansada de uma longa viagem com o filhinho, já próximos de sua casa, ela colocou o bichinho para andar, mas ele iniciou a chorar e ela se aborreceu dizendo: "Raposa, vem brincar com este menino chorão". Assim deixou o menino ali no caminho. A raposa veio e levou-o consigo. A mulher, chegando em casa, voltou para apanhar seu filho, mas não o encontrou. Procurou, gritou, chorou. Não o encontrou. Voltou para casa.

O menino com a senhora raposa foi crescendo, crescendo e, já com oito anos, iniciou a andar com Dona Raposinha.

A raposinha gostava muito do menino e, um dia, andando de um lugar

para outro, se encontraram com uma anta. Ela se admirou com a raposa e disse: "Comadre, tu quer me dar o seu menino para mim?". A raposa respondeu: "Não, Comadre Anta. Ele é meu companheiro". Mas ela insistiu com a raposa dizendo: "Eu ando sozinha pelas matas e você anda livre pelos campos".

A raposa entregou o menino e ambos saíram pelas matas. Anos mais tarde, o rapaz casou com a anta. Depois de muito tempo, a anta já estava buchuda do rapaz. Andando de um lado para outro, chegaram perto de uma aldeia. Enquanto a anta dormia, o rapaz deixou-a, indo para a aldeia. O rapaz avisou os homens que havia uma anta dormindo bem próximo da aldeia. Foram os homens junto com o rapaz matar a anta.

Mataram a anta e, partindo a mesma, encontraram uma criança. Tiraram-na, levaram para a aldeia, reuniram-se todos e foram lavar a criança num igarapé. Enquanto lavaram a criança, iniciou a morrer peixes. Começaram a juntar os peixes. Terminando, voltaram para a maloca cuidadosamente com a criança.

Quando eles queriam comer peixe, era só levar a criança ao banho que ali morria o peixe.

A criança foi crescendo, crescendo e com isto começaram a levar a criança, ou seja, andar com a mesma nos lugares estranhos, nos pequenos rios, ou melhor, nos riachos. Assim viviam com ele.

Mas um dos homens disse que conhecia um poço onde tinha muito peixe e o

poço era grande. Tinha algumas pedras grandes pelo meio do poço. O menino já era grandinho e viajava com eles. Saíram com o menino. Chegando lá, mandaram o menino tomar banho naquele poço, nadar de um ponto para o outro. Enquanto nadava, uma cobra grande picou o menino. Enquanto morria o peixe, puxaram o menino. Com poucas horas morreu. Logo se retiraram, levando o menino morto.

Afirmaram que era Llimi que tinha picado o menino. Llimi significa cobra grande. Onde pingava sangue, nascia uma plantinha, a qual era chamada de Adá. Significa timbó, planta venenosa usada por nós para matar peixes.

Eu conheço tipo desta planta. Tem vários tipos.